

ENTREVISTA

Entrevistador: Leandro Augusto Pires Gonçalves

Entrevistado: Eduardo de Azeredo Costa

Iniciada às 11:26 horas do dia 17/05/2017

Entrevista realizada na antiga sala onde trabalhava o Eduardo Costa, na Escola Nacional de Saúde Pública [ENSP/Fiocruz]

Tempo de entrevista: 01h 54min 42 seg.

[EC] Bom, você vai me fazer perguntas, não é?

[LG] Sim, claro... não é óbvia a sua entrevista, no contexto da história do Instituto...

[EC] Não acho, não, tem coisas que eu poderia começar a falar sem ninguém me perguntar nada, sobre o início daquele projeto...

[LG] Então, há alguns episódios que te colocam em contato com o Instituto, principalmente no início da década de 70. Talvez, tenha sido o momento em que vocês tenham trabalhado mais juntos...

[EC] Eu trabalhei lá.

[LG] Tu passou por lá, também? [risos meus]

[EC] Eu não passei por lá... eu meio que passei... você quer saber disso?

[LG] Sim... vá seguindo que eu sigo atrás, com outras perguntas...

[EC] Se tu me perguntares exatamente em que ano se passa isso, eu não teria certeza, mas digamos que seja 68, eu estava fazendo o curso de Saúde Pública aqui [Escola Nacional de Saúde Pública/Fundação Oswaldo Cruz – ENSP/Fiocruz]. Eu tinha contato, porque tinha trabalhado na Fundação Sesp [Serviço Especial de Saúde Pública], e amizade com o Nelson Moraes. O Nelson tinha uma relação com a UERJ [Universidade do Estado do Rio de Janeiro], eu sei que fiquei conhecendo as pessoas que lá estavam, ainda jovens, recém-formados ou no final do curso [de medicina] da UERJ. Era essa turma que você conhece: estava o Reinaldo [Guimarães], o Augusto Quadra... e outras pessoas. Fui para a Bahia e depois, quando eu voltei, tiveram dois momentos: em 70, o Nelson queria que eu fosse trabalhar lá na UERJ, com ele – eu, que assisti as aulas dele na graduação. Bom, naquele momento estava sendo criado o Instituto de Medicina Social – acho que ainda não estava criado, no ano de 70, ou se já estava começando a pensar nisso -, e eu tive contato com todo aquele pessoal, de novo, inclusive com o Hesio [Cordeiro] etc. Eu resolvi não ir para lá. Aliás, o Nelson é uma pessoa que tenho uma conta muito grande. Acho que ele deve ser, ou é, de alguma forma, patrono daquele Instituto. O Nelson era uma pessoa excepcional. Na época, eu pedi demissão da Fundação Sesp. Eu estava implantando a vigilância epidemiológica para varíola e outras doenças transmissíveis, mas era muito em função da varíola, na Bahia. E eu fui me embora... aí, são acontecimentos políticos e pessoais, eu pedi demissão e vim para o Rio desempregado. Estava meio que me escondendo, durante um período... ele me ofereceu uma série de opções para onde eu quisesse ir trabalhar: poderia ser aqui [ENSP], para a UERJ, ou para o IPEA [Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada]; estavam formando o primeiro grupo do IPEA para trabalhar com Saúde. O Nelson tinha feito um trabalho para o Ministério do Planejamento, um primeiro diagnóstico de Saúde do país. Então, ele me deu essas opções. A minha relação com o

Instituto foi indo assim... eu não era aqui do Rio, cheguei aqui para fazer o curso de mestrado e, depois, essas coisas que estou te contando. Eu resolvi vir para a ENSP, em 1970, na volta da Bahia. - era o pior lugar dos três em termos gerais: isto aqui estava zerado, porque tinha acontecido o esvaziamento da Escola, mas eu tinha perspectiva de sair do Brasil, o desmantelamento da organização era uma das razões. Eu queria e via que, aqui, eu poderia ter essa perspectiva rapidamente atendida, especialmente pela relação com o professor Oswaldo Costa. Então, aceitei vir para cá. E fiquei 1 ano, peguei uma bolsa da Inglaterra e fui para lá, suspendendo meu contrato CLT com a ENSP. Fui estudar Epidemiologia...

[LG] O que te fazia desejar sair do Brasil tinha a ver com o regime militar?

[EC] Claro, era coisa política, eu participava de uma dessas organizações de resistência, apoiando mais que na frente de luta. Apoiando e ajudando na parte operacional de organizações que estavam na luta armada. Um casal com quem tive muito contato na Bahia caíra. Em maio já tinha a informação que quem caíra não tinha me entregado. O que aconteceu: depois de um ano lá na Inglaterra, eu ia fazer o doutorado, mas eu vim para cá para pensar no trabalho de campo do projeto em Chagas. E fiquei na dúvida se eu voltava para o doutorado lá ou tentava fazer aqui... também tinham outras razões. Quando eu cheguei aqui, da Inglaterra, o Hesio foi o primeiro a me fazer uma visita - Hesio, tinha a Nina [Pereira Nunes] também -, para me convidar para participar da criação do IMS. Falou-me da importância daquilo e tal... mas ele não sabia dessas coisas em que eu estava envolvido quando eu voltei. Eu estava muito preocupado, não sabia se o pessoal que tinha caído depois que fui para a Inglaterra ia entregar ou não... por isso, vim para o Brasil cautelosamente. Lembro bem, eu sempre tive esse estilo de não ser muito simpático: "Hesio, eu não quero fazer nada importante nesse campo", eu estava com a cabeça em outra coisa... e ele falando, muito empolgado com a perspectiva de criação do IMS, Fundação Kellogg, etc. Então, disse que ia retomar aqui [ENSP], pelo menos transitoriamente, junto com a Federal [UFRJ].

Na UFRJ, eu consegui ser liberado para ajudar na cadeira do Coura de Infecções, dei um curso de epidemiologia para estudantes de medicina em 1972 e escolhi a área de Minas para estudar Chagas, o que serviria para meu projeto de Chagas também.) Mas aceitei organizar a Epidemiologia para eles [IMS], do curso de mestrado que estava começando. Na primeira turma do mestrado, eu ainda fui professor de lá... a turma que tinha o [José Gomes] Temporão, se não me engano. Acho que ele foi meu aluno lá. Lembro do Temporão porque ele me fez umas perguntas, era um cara interessado. Então, eu trabalhei por um ano lá. Eu dei, de certo modo, um presente para eles - e o Nelson também propôs isso, porque o Nelson sempre queria ajudar -, pois eu trouxe da Inglaterra a minha mulher que eu conheci lá, que era a Sarah Hawker "Costa". O Nelson, - para poder fazer a residência permanente dela, precisava ter uma oferta de emprego - (e ele) fez a oferta de emprego para o Ministério da Justiça. Quando o processo foi concluído eles a contrataram. E ela ficou, pois ela tinha mesmo muito jovem uma formação com mestrado na Inglaterra em Demografia Médica. Eu saí do Instituto - seria isso já em 1974? - e decidi ficar só na ENSP, naquele momento, com a seguinte questão: eu achava que tinha uma perspectiva, uma amplitude diferente, de trabalhar em Saúde Pública a trabalhar em Medicina Preventiva, que era uma área de medicina. Eles queriam que eu continuasse dando a aula no curso, no segundo ano, mesmo que eu continuasse aqui - até hoje ainda há esse arranjo -, e eu disse: "eu não quero não, não estou acostumado e não quero me acostumar a trabalhar em dois lugares. Quero trabalhar em uma coisa só"... isso nunca funciona, é um esquema muito *Rio de Janeiro*, esse negócio de muitos empregos... para médico, então... a definição era: "vários empregos e um fusca"... eu não era desse tipo, eu já tinha me imbuído daquele espírito de Sesp: tempo integral, dedicação exclusiva [risos meus]. É o jeito que as pessoas devem trabalhar, é a minha visão.

[LG] O Sesp funcionava bem?

[EAC] O Sesp era uma maravilha! Eu não cheguei a falar mal de todo mundo que destruiu o Sesp? Esse é o meu melhor discurso...

[LG] Esse é um ponto fundamental que eu ia tratar contigo. Já que você avançou...

[EAC] [risos dele] É o meu melhor discurso, mandar *pau* nos meus amigos, meus colegas que não entenderam nada! Eu falo mesmo com certa arrogância, mas se eu não chamar para a briga, para a polêmica... eu quero chamar para a briga: “vem cá, por que fizeram isso?”

[LG] Então: por que esse linchamento coletivo do Sesp, no Movimento Sanitário?

[EAC] Ignorância... pura ignorância. Preconceito. Falta de estudo... e *oba-oba*. Eu os respeito... quero fazer dois momentos: o poder dismantelar e, depois, entender porque eles fizeram. Primeiro tem que dismantelar, desafiar. Isso aí está numa raiz, eu próprio vim a entender mais tarde. Eu tinha umas diferenças com o pessoal... embora eu tivesse uma origem parecida, por ter passado na juventude pelo Partido Comunista, essa história de ter optado pela via revolucionária, naquele momento pós-ditadura, já era uma visão um pouco diferente das coisas... e talvez tivessem outras questões no meio, até pessoais... mas não importa muito. Posso resumir: é um tema que, para mim, é muito caro falar, espero que não seja longo e tentarei ser mais objetivo. Eu trabalhei na Fundação Sesp em tempo integral e dedicação exclusiva. Se eu pudesse pegar uma coisa e pinçar, só isso transformaria o SUS [Sistema Único de Saúde] [risos meus]. Só isso e faria do SUS alguma coisa tolerável ou boa. Não é possível, com o regime de trabalho para médicos atual, que ele vá fazer política no meio da comunidade ao invés de trabalhar. Isso é, simplesmente, um chute na história da construção do conhecimento médico... uma coisa é a participação da comunidade, conselhos, etc. Outra coisa é o que virou: um instrumento de política, em nome de quimeras,

“a defesa...”, a defesa de quê? De quem? Nunca está claro, parece que de todo o resto da sociedade. A defesa do SUS é a defesa de uma coisa contra todo o resto da sociedade que não estiver de acordo. Na militância louca brasileira que nós temos aí, louca como todo o brasileiro, o Sesp está na origem da diferença por outra coisa: para deixar muito claro - tem coisa que acham que é anterior, mas não é -, eu nunca fui brizolista até entrar para o partido do [Leonel] Brizola... eu nunca fui petebista [vinculado ao PTB]... mas ter entrado em contato com essas tradições me fez abrir os olhos para entender quais eram as diferenças, de uma maneira fantástica. O grande problema do pessoal que tinha origem comunista era a ficção, que eles construíram, sobre quem era o Getúlio [Vargas] e os governos do Getúlio. Uma ficção, um sonho que abstraía tudo, colocava ele como um grande ditador... hoje fazem uma pequena recuperação, mas não viram a importância, como um veio histórico do desenvolvimento político brasileiro, fundamental! Eles nunca entenderam porque nunca estudaram, não o Getúlio em si, embora ele seja uma pessoa interessante, o que ele fez, o que foi, como o Brizola chamava... o Brizola dizia assim: “O Getúlio que eu sigo é o do pós-guerra”. Os meus colegas nunca entenderam, ou se preocuparam em ver, o que foi o *cavalo-de-pau* que o Getúlio deu a partir da década de 50, na própria história dele e da maioria das ideias dele. Não é que não fosse continuidade, em alguns aspectos. Evidentemente, as relações não descontinuem, mas as ações de governo dele são bem diferentes. Meus colegas entenderam como uma coisa que não tinha a mínima importância a criação do Ministério da Saúde. Esse é o *cavalo-de-pau* na Saúde. Por quê? O projeto baseado na Medicina Previdenciária, que ele mesmo [Getúlio] tinha criado, ele já entendia que tinha se esgotado. O que estava, mais ou menos, na cabeça deles, naquele tempo, a visão era a seguinte – caracterizávamos isso de uma maneira bem simples: tínhamos a medicina da força de trabalho – numa análise mecanicamente marxista -, isso estava na Previdência. Paralelamente, os Estados e Municípios davam conta da reprodução da força de trabalho, crianças e gestantes nos postos de Saúde, o que fornecia exército de reserva... e os Programas verticais como fundamentais, uma resposta objetiva aos desafios ao desenvolvimento, a interiorização do país, etc. Aquele era

o caminho mais do que natural... o Getúlio trabalhou desse jeito. Até que ele resolveu fundar o Partido Trabalhista [PTB]. Esse era o Getúlio. Evidente que isso era um movimento, que ele participava e assumia... ele estava fora do governo e se tornou vice-presidente do Partido Trabalhista, quando foi criado. O presidente era o Salgado Filho. Por alguns problemas, o Salgado Filho teve que se ausentar e o Getúlio tornou-se presidente. Nesse ponto, ele era muito disciplinado, ficou de presidente, respondendo pelo partido. Isso foi em 48.

Eu encontrei uma joia, esses dias – esses dias, não... para mim, “esses dias”, quando o cara tem memórias de 50 anos, quer dizer 2, 3 anos atrás -, que foi a biografia de um cara - um horror a história do cara -, mas ele conta que era secretário, nessa época, da embaixada brasileira em Londres. O embaixador era o [Manoel] Pio Corrêa, cheguei a conhecê-lo. Ele veio falar comigo por conta das minhas ligações brizolistas... o Pio Corrêa, nas suas memórias, disse que o Getúlio deu uma missão a ele: levantar tudo sobre o Partido Trabalhista inglês e o que estava acontecendo na Saúde. Esta é a origem – claro que ele tinha muita coisa para fazer, não vamos dizer que podia, porque ninguém mais estava vendo o que ele estava vendo – da criação do Ministério da Saúde. É de 54, ele já tinha morrido, mas já estava feito, só faltava a assinatura. Foi sancionada 10 dias depois dele morrer, em 4 de setembro, a lei que estabelece as normas da saúde. Você deve ter lido, isso aí é uma joia! É melhor que o texto de hoje, da Constituição. Nas bases, é a mesma coisa. Ninguém notou que devíamos restabelecer aquilo ali.

Ele dava o *cavalo-de-pau*, por que isso é fundamental? A minha empolgação é porque eu ando escrevendo uma coisa que tem a ver com isso. Tem um depoimento, do José Américo de Almeida, que é um revolucionário de 30, dos poucos que estiveram com o Getúlio na noite da véspera da sua morte. Foi uma entrevista que foi incluída no livro do Hélio Silva, “1954, um tiro no coração”. Ele conta que chegou cedo na reunião com o Getúlio, foi convocado. Ele não era ministro, mas era daquelas pessoas muito próximas, desde 30 estava com o Getúlio. Várias pessoas que não eram ministros participaram daquela noite, de 23 para 24 de agosto. Então, ele chegou cedo e só um ministro tinha chegado, que

era o Mario Pinotti [risos meus]. O Mario Pinotti que tinha recém chegado ao governo. O ministério tinha sido criado 1 ano antes. O primeiro ministro tinha sido uma pessoa da oposição, pois o Getúlio tinha a estratégia de entregar para a oposição aquilo que eles não queriam, para não ter dificuldade de passar a proposta. Tudo com o Getúlio funcionava assim: ele dava os projetos que tinham maior importância, para fazer acontecer, para alguém da oposição mais próximo, com relações mais próximas. O José Américo conta o que o Pinotti, que estava há pouco tempo no Ministério, substituindo o cara que era do PSD – acho que o nome dele era Amílcar... na verdade, foram dois ministros que passaram rapidamente, naqueles anos, o Miguel Couto filho foi um, eu acho, de 53 para 54. Ele tinha relações de trabalho com o Getúlio. O Pinotti conta a tarefa que o Getúlio deu a ele: queria implantar uma estrutura de Saúde, no texto acho que está “posto de saúde”, com médicos, completo, em cada município do Brasil, no mínimo. Esta era a primeira tarefa. Era o exercício de começar, na prática, o processo de universalização do atendimento. O modelo para isso era o Sesp! Tanto que o Sesp, o que cresceu naquelas épocas... se expandiu para toda Minas Gerais, todo o nordeste coberto, praticamente. Na Amazônia, começa a expansão...

[LG] Mas o Sesp não é incorporado, imediatamente, ao Ministério da Saúde, não é?

[EAC] Ele foi... em 54 é que define isso... em 53 são criados o Ministério e as campanhas, só...

[LG] Quando vira Fundação?

[EAC] Vira Fundação depois... em 60, não é? 60, acho que sim. Precisamos ver essas datas. O que importa, é que esse movimento estava muito claro, naquele momento...

[LG] Desculpe interrompê-lo, não quero deixar você escapar desse período: há alguma possibilidade dele ter pensado o Ministério da Saúde a partir da experiência do Sesp?

[EAC] Não, a partir da experiência da Inglaterra. Uma coisa é você ter estruturas para fazer a universalização, outra é não ter. A intenção era interiorizar e universalizar a Saúde. Era um projeto desenvolvimentista. Como é que tinha nascido o Sesp? Inicialmente, para o esforço de produção para a guerra, a questão da borracha, a economia brasileira. Combate à malária, essas doenças que tinham na Amazônia e que acabavam com o esforço produtivo. O que era interessante do Sesp... aliás, a única coisa boa que escreveram até hoje sobre o Sesp foi feita pelo André Campos...

[LG] Maravilhosa a Tese dele...

[EAC] Ele pegou os registros... e não foi incorporado por causa desse discurso da negação... é só entender que aquilo ali é um projeto desenvolvimentista. Não teve nada... não é que não teve nada a ver... tem tudo a ver, no nascimento, com Johns Hopkins. Só que Johns Hopkins, com essa proposta, não tinha nada a ver com Estados Unidos... uma medicina que nunca foi implantada nos Estados Unidos, um tipo de posto de saúde que nunca teve nos Estados Unidos. Um tipo de organização sanitária que nunca teve lá... estavam discutindo um projeto que era muito acadêmico, discutindo a expansão, atenção primária a saúde, etc. Os Estados Unidos era como o Brasil recente: o posto de saúde era só preventivo e medicina era outra coisa... não havia integração médico-sanitária. Nunca teve. O que fez o Sesp, e que é o certo, foi a integração médico-sanitária. Foi implantar medicina curativa dentro das estruturas, que eram integradas, fazendo equipe, não sendo o médico isolado, fazendo visitação sanitária, domiciliar...

[LG] As ideias da Medicina Preventiva correspondem a essa forma de organização a atenção à Saúde, do Sesp...

[EAC] Não entendi... da Medicina Preventiva, em que sentido?

[LG] A própria ideia de integrar a prevenção à clínica...

[EAC] Sim, isso é o que vem naquela época, o que se queria, mas a única estrutura que tinha isso... Medicina Preventiva são ideias, mas tinha uma coisa que existia, que era o Sesp. Então, os meus colegas quiseram fechar isso e construir em cima da Medicina Previdenciária... não funciona! Não pegaram o que já trazia algum acúmulo – se podia corrigir defeitos, é claro que o Sesp tinha problemas... tentaram, na época, e acabaram recuando na Amazônia, implantar Hospitais Regionais especializados em doenças transmissíveis por lá. O Instituto Evandro Chagas [Fiocruz] chegou a ser dotado de um Hospital Regional para doenças transmissíveis. Estes hospitais eram para ter atenção e absorver toda a rede... eu trabalhei como médico lá, era muito difícil! O que acontecia de doença que não sabíamos o que era!... tínhamos que ter uma estrutura desse tipo. Houve projeto de gestão regionalizada, mas a estrutura regionalizada não chegamos a ter, porque o Serviço Especial acabou ocupando espaços onde não tinha atenção médica. Nós não íamos competir em lugares que tinham posto de saúde. Íamos para onde não tinha. Era um projeto, hoje podemos chamar assim, não eram as palavras da época, para diminuir as inequidades em relação a Saúde.

[LG] Você falou que houve gestão regionalizada, mas que não houve regionalização da estrutura assistencial... o Sesp, como uma instituição nacional, tinha alguma organicidade, a compreensão que geria um sub-sistema de saúde?

[EAC] Não, não há sistema, não use essa palavra... essa palavra é condenada!
[risos meus] Essa aí é a grande *furada* em que todo mundo entrou... não

entenderam ao que levava a palavra sistema... o Sesp é um serviço nacional de saúde, como o inglês. Lá, é um serviço nacional de saúde, nunca, nos seus primeiros 50 anos, foi qualquer sistema de saúde. É um serviço nacional de saúde. Esta diferença é crítica! Ele foi feito para operar e ser operado pelo Estado e não ser terceirizado. Quando diz Sistema, bota tudo num mesmo saco, e isso é o que leva ao que está aí. Todas as reformas constitucionais ou infraconstitucionais para reestruturar a Saúde, em países europeus, na Austrália, Canadá, tiveram influência inglesa, pois viram, na década de 70, que o serviço inglês era incomparavelmente melhor para a saúde que qualquer outra coisa. Então, criaram serviços nacionais de saúde. Quando chega o final da década de 70, começo de 80, já os países que entram, com algumas especificidades, criaram sistemas. Como a Espanha. Pela autonomia dos “estados” não aceitavam serviços federais ou nacionais de saúde. Lá, os serviços são estaduais e tem o nome de Sistema a nível nacional porque ele não executa, faz normas gerais para quem executa aquilo ali: os estados. A questão do Sesp ajuda a diferenciar, porque nunca esteve dentro de um Sistema, nesse sentido orgânico que você falou... eram estruturas para prestar atenção médico-sanitária à população, diretamente.

[LG] Havia integração entre essas estruturas?

[EAC] Total! Total e forte. Às vezes, até demais.

[LG] Certa centralização?

[EAC] Muito grande! Muito grande, dos Programas. Não que não se pudesse fazer nada pelo lado, mas tinha que fazer primeiro tudo que estava dito para ser feito.

[LG] Os Programas emanavam do Ministério da Saúde?

[EAC] Não, eles se integravam. A integração sempre teve. Por exemplo: tuberculose. Na verdade, o Sesp foi quem inovou na maioria das coisas que,

depois, foram integradas no Ministério. A história de inovação do Sesp é algo fantástico!

[LG] Os documentos do Sesp estão na Casa de Oswaldo Cruz, não é?

[EAC] Estão. Tá tudo lá, estruturado. Eu não tenho coragem de trabalhar, é muita coisa. Esse ponto é importante para mostrar a capacidade de inovação do Sesp. Hoje em dia, estão procurando inovação em uma vacina [risos meus]... vou te dar uma que é fantástica, porque é tão precoce: a primeira experiência no mundo de fluoretação de água numa cidadezinha no interior dos Estados Unidos. No Brasil, foi implantado em todo o País! Quem fez primeiro, para ver como é que fazia: o Sesp. Ele operava o sistema de abastecimento de água no interior e ainda botava flúor! Pega odontologia sanitária... só em diminuir os *banguelas* do país... eram 60 % de pessoas com os dentes ferrados. Os Programas integrados nos Postos de Saúde, para fazer obturação nas crianças... Isso fazia parte de um Programa, que era o Programa Incremental: pegava a criança no começo da Escola e acompanhava o desenvolvimento dela... era um negócio incrível! Não era, simplesmente, prestar uma Atenção. Eram Programas de longo prazo, estabelecendo as metas. Quem é que testou primeiro DDT no Brasil? Foi no Sesp. O único lugar organizado para fazer qualquer observação. O Programa de Malária foi todo desenvolvido pelo Sesp e, depois, dado para uma campanha. É tanta coisa que a gente se perde... O que é que o Sesp não fez? O Ministério é que acabava absorvendo aquelas coisas todas, do jeito que dava. Não conseguia fazer direito porque não tinha aquela estrutura. Aquilo estava pronto. Era em cima daquilo que tínhamos que pensar. Mas, não: a política não deixava, porque o negócio era passar o dinheiro para os Hospitais, aqui. Nós passamos 30 anos passando dinheiro diretamente do SUS para a mão de Hospital, para obras, etc.. Em 30 anos, a nossa prioridade foi essa. Inclusive do Hesio. Hein, Hesio? [risos meus] Quando estive no INAMPS [Instituto Nacional de Assistência Médica da Previdência Social], no SUDS [Sistema Unificado e Descentralizado de Saúde]. Ou seja, melhorar o que já existia. Havia pressão social, evidente... os

trabalhadores, que, coitados, não tinham nem como se expressar. Essa é a questão: nunca, no SUS, teve um projeto verdadeiro de equidade! Não teve, duvido que me mostrem. Nunca o Planejamento do Ministério foi voltado para a equidade. Nunca, em 30 anos. Esses são os grandes problemas e o Sesp é um *tapa na cara!*

[LG] Houve esse debate sobre o Sesp entre vocês, no início da década de 70?

[EAC] Não, nunca houve. Eles eram intelectuais. Eu era outro tipo de *cara*.

[LG] Você tentou colocar essa questão?

[EAC] Quando eu aderi ao projeto do Brizola, houve uma ruptura. Não pessoal, continuamos sempre amigos... eram projetos muito diferentes. Nós fizemos um esforço grande, na oitava Conferência, e perdemos. E perdemos de outras maneiras, também, em outras instâncias, para o projeto que eles quiseram. Esse que está aí.

[LG] Eles quem?

[EAC] O pessoal que estava mais ligado a essa estrutura: Hesio, [Sergio] Arouca, etc., que vinham do partido comunista...

[LG] Vocês eram quem?

[EAC] Estávamos no velho PDT [Partido Democrático Trabalhista], na época. Num campo de pessoas que, pela esquerda, tinham uma visão diferente, dentro da Saúde. No começo, o PT [Partido dos Trabalhadores] também não tinha aderido... depois, de certo modo, se envolveu, a prática os levou a se envolver. Eu tenho um artigo sobre a oitava Conferência, que eu não publiquei. Daquela palestra que eu

fiz [na ENSP, em homenagem aos 30 anos da oitava conferência], depois eu escrevi tudo aquilo, consubstanciando. Eu mostro as razões de ter saído esse SUS...

[LG] Você o submeteu a alguma revista?

[EAC] Pois é... eu escrevi o artigo e, como eu comecei a escrever um livro, eu não me preocupei em encaminhá-lo. Eu deixei com um amigo meu, um dia desses, e perguntei: “será que não seria possível vocês publicarem o artigo em alguma sessão da revista, como um “depoimento espontâneo”? Eu quero fazer um depoimento, portanto eu direi o que quero”. Então escrevi isso e disse que era um “depoimento espontâneo” sobre o período da oitava. Eu posso te passar, sem problema algum. Ali eu conto melhor como é que essa ruptura política aconteceu... nós sempre ficamos meio... nunca fomos inimigos, nunca nos consideramos inimigos, mas eles tinham hegemonia e foi do jeito que eles quiseram...

[LG] Então o Hesio e o Arouca tinham certa afinidade de projeto?

[EAC] Tinham, por conta dessas origens. O Arouca era outro tipo de pessoa, não dá para misturar os dois projetos, mas os dois se juntaram. Quando iniciou a Nova República, com o [José] Sarney, o Arouca estava na Fiocruz e o Hesio no INAMPS, se estabeleceu um jogo de trocas que os fortaleceu muito. E fortaleceu muito o projeto que eles desenvolveram. Ninguém pode dizer que era um projeto de direita, nada disso... era um projeto que avançava, mas avançava de modo desviante do que o Brasil precisava. Não conseguiu dar uma resposta... é difícil falar hoje, depois de 30 anos... é uma crítica situada naquele período. Hoje, é isso que está aí. A saída disso é muito mais preocupante do que a crítica retrospectiva. A saída disso é um desafio...

[LG] Há algumas leituras daquele período que sugerem que o Hesio e o Arouca poderiam ter projetos diferentes e que tinham posturas políticas

muito diferentes. Você me apresentou os dois do mesmo lado, no mesmo projeto...

[EAC] Naquele momento...

[LG] E, ao mesmo tempo, você mencionou que eles tinham projetos diferentes e que eram sujeitos diferentes...

[EAC] Claro, é muito diferente vir lá do interior de São Paulo e estar aqui no Rio de Janeiro. O Arouca, com todas as qualidades intelectuais dele, meio que deslumbra aqui... é um pouco diferente o processo... o Hesio é uma figura do Rio de Janeiro e é muito interessante porque acaba, por causa da liderança indireta dele, e um pouco por causa da mulher dele – todo mundo sabe disso -, por vir para o PDT. O que aconteceu: ele racha o PDT, que era fechado na nossa visão, e continua no seu projeto. Mais isso aí são os ossos *do ofício*... nunca quis ser dono da Saúde do PDT...

[LG] Quem era a companheira dele?

[EAC] A Zezé, a Maria José, que era muito brizolista. Ela era da Educação, muito brizolista... e ele veio com o Waldir Pires. Quando o Waldir Pires entra – esta é uma história complicada para *caramba*, tanto que ficou pouco tempo -, ele os traz, como também o próprio Temporão. Por quê? Porque o pessoal tinha ido para o INAMPS. Esse foi o problema que mais nos diferenciou: olhando, vejo que a imersão das pessoas nas coisas faz as ideias delas muito mais do que elas próprias veem. Eles vêm para fazer um projeto, mas, na verdade, eles são levados... quando eles entraram no INAMPS, naquele momento, eles condenaram a Reforma ao poder do próprio INAMPS, na época. Eles fizeram uma coisa que era para resolver os problemas na perspectiva do INAMPS. Por isso que há uma *inampização* da Saúde e do SUS. Por isso que ele tem esse rumo. Todos os companheiros que vão ensinar coisas por aí, eles são de dentro...

[LG] Quem?

[EAC] O Murilo Bastos... são pessoas do INAMPS, que foram figuras importantes no INAMPS. E se tu olhar a Reforma, como se deu na prática, tá lá escrito: o que é o projeto do SUS, se não é nada mais nada menos que o projeto do Aloísio [Salles], do INAMPS? Aquele projeto foi construído no INAMPS...

[LG] O livro “A [im]Previdência Social” é assustador, nesse sentido...

[EAC] Total.

[LG] Dá a sensação que o SUS é uma continuidade...

[EAC] Continuidade total.

[LG] Parece uma racionalização do INAMPS...

[EAC] E agregou algumas coisas ao INAMPS, porque havia pressão, realmente. Antes, era o autoritarismo da Ditadura, não tinha participação social alguma. O que fizemos mesmo foi abrir aquilo ali, mas a própria participação comunitária se deu em um processo com dominância nossa, por causa do acesso que dava às comunidades, para incluí-los dentro daquele projeto. Então, ele é limitado, porque ele não pensa o Brasil. Pensa apenas os processos mais diretos, os grupos de pressão. Tanto os motivos que já existiam, que eram econômicos – contra as vantagens dos prestadores de serviço, dos vendedores de produtos -, como as demandas desses grupos de pressão. Agora, com as demandas era mais fácil lidar: se você bota os *caras* no Conselho, começam a conseguir internações para os amigos, para os parentes... não é que isso invalide o processo, mas mostra que é uma tendência de consolidação daquilo. O SUS consolidou aquela história que estava lá, já definida pelo Aloísio Salles. O Aloísio Salles era um *cara* muito

inteligente, ele construiu aquilo de uma maneira... tanto que até hoje a privatização toma outras formas. Aquilo ali foi uma solução, o jeito que foi feito – eu fui ator, também -, a partir das Ações Integradas de Saúde [AIS] e do SUDS, para aliviar a Previdência. É evidente, e o Getúlio já tinha entendido: não se pode prestar atenção sanitária por cada profissão, em um país com o tamanho do Brasil, vai acabar privatizando. Quando se faz algo no outro sentido, de bancar o Ministério da Saúde, que vai prestar serviços de Saúde, se retoma um projeto que pega os espaços-entre: os desempregados e, daí, vai incluindo a Sociedade como um todo. Para os comunistas isso era ruim, porque toda a teoria estava em cima do Trabalhador – não era nem Trabalhador, era Operário, Proletário. E o PT não podia largar, porque se expande o conceito de Trabalhador, se encontra essas classes médias que estão aí, muito mais preparadas para a pressão, para fazerem os seus modelos. Não conseguiram fazer o Sistema Universal, não existe. Existe no papel, claro. Mas ele não foi construído para pensar em termos de equidade, de como é que se leva, para todos os brasileiros, um projeto de Saúde. Esse é que é o conflito nosso. Não digo que eles tinham a intenção de fazer isso, simplesmente não puderam fazer outra coisa, porque entraram no Sistema, inclusive no Sistema Eleitoral.

Outro problema que tivemos, que eu acho menor, mas que eu me divirto mais, e você estava em uma reunião que isso apareceu [parte do mesmo evento em comemoração aos 30 anos da oitava Conferência], é a questão do Arouca. Eu não posso falar no Arouca sem dizer: foi um *amigão*, que eu tive. Nós fomos muito amigos, nos divertimos muito como dois bons amigos. Tínhamos uma compreensão boa, mas esse processo nos separou. Por um tempo, depois retomamos. No meu conceito, que é mais rígido, da época, até o momento que ele vira presidente da Fiocruz, que nós conseguimos isso, não podia se dizer que ele era um sanitarista. Ele não tinha prática... no máximo, ele tinha trabalhado em um Posto de Saúde em Campinas. E, mesmo assim, os caras queriam botar ele para a rua justificando que ele não queria ir para o trabalho [risos do entrevistado]. As pessoas o *sacaneavam* por isso, naquele tempo. Mas ele tinha feito uma Tese, ele estudou bastante, gostava disso, uma bela Tese, bom trabalho. De pouca

aplicação prática, são concepções que vinham do [Georges] Canguilhem... mas era muito bom conviver com ele, pois ele tinha curiosidade, queria aprender as coisas mais práticas. Como eu tinha uma boa experiência, nós trocávamos muita coisa. Engraçado, desta sala, duas para lá, tinha uma pessoa importante: Mario Chaves [risos meus]. Todo mundo mandava o pau no Mario Chaves, apesar dele ser um cara afável, risonho, amigo...

[LG] E gaúcho, não é?

[EAC] Pode ser, tinha um monte de Chaves por lá... eu nunca soube. Se eu soubesse, não me lembro agora. Mas o que importa do Mario Chaves é que, enquanto esteve aqui, escreveu o livro "Saúde e Sistemas". A nossa crítica a ele, que o Arouca conseguiu mostrar para mim - eu não tinha conhecimento desse tipo, era mais epidemiológico, prática de gestão, etc. -, era que aquela coisa de Sistemas era "funcionalista"... tanto no Instituto de Medicina Social quanto aqui, teve uma época, a época da crítica ao funcionalismo, a chegada do estruturalismo, principalmente depois do [Claude] Levi-Strauss... e é incrível, tudo que eles criaram, no Ministério, o que o SUS é, é de um funcionalismo puro! [risos meus] Tanto que é Sistema, tem o nome do livro! Eu tenho até hoje o livro em casa, a primeira e a segunda edição, os livros que ele me deu [risos dele]... eles também se deixavam influenciar demais pela OPAS, a *moderninha* da OPAS, que era, no fundo, o aparelho americano de influência. Essa é que era a influência, não do Sesp, que era baseado em uma coisa muito mais rude: a guerra, na cooperação de guerra. Foi o insidioso, no momento em que Cuba não participava, que fez as ideias, através da OPAS, que chegaram, com sistema de viagens para lá e para cá, participação nas reuniões, pagar para ir para lá, contratar para não sei o que: virou isso, cara! O que era condenado pelos dois grupos, de lá e daqui, o pessoal que pensava mais do ponto de vista social as questões... e esses dois grupos vão lá e fazem um projeto funcionalista para a Saúde brasileira. Como é que se resiste a uma OPAS colocando dinheiro aqui dentro, botando não sei quantas pessoas para dentro, fazendo circular aquelas ideias? Foi assim que aconteceu.

[LG] Você falou do Mario Chaves e do Nelson Moraes, que são duas figuras fundamentais no Instituto de Medicina Social...

[EAC] Por causa da Fundação Kellogg... o meu contrato lá, para dar essas aulas, naquela época, no curso de Epidemiologia, foi pela Kellogg.

[LG] E são duas figuras que eram também do Sesp...

[EAC] O Nelson foi o superintendente do Sesp de 67 a 69...

[LG] Ou seja: ele vai para o Instituto logo depois dessa experiência...

[EAC] E a inovação que ele faz... ele também era um *cara* assim. Uma inovação: Vigilância Epidemiológica. Embora fosse estruturada a partir da varíola, não era mais a vigilância específica de cada doença. Ele criou, dentro do Sesp, o Centro de Investigação Epidemiológica, o CIC, levado a frente pelo Vallejo Freire, que era lá do Butantã. Esta é outra inovação do Sesp, nós fomos para o Sesp, e eu fui uma dessas pessoas, para implantar esse sistema nos Estados, nas Secretarias... fazer todo mundo notificar, não ser o notificador apenas o guardinha sanitário de um Programa, fazer uma notificação ampliada dentro de todos os Serviços de Saúde...

[LG] O Reinaldo Guimarães, na entrevista dele, me falava que, se o Piquet Carneiro tinha tido uma importância interna a UERJ, na sustentação do Instituto, o Nelson Moraes foi como o Piquet Carneiro para fora da UERJ. Ele garantiu certa blindagem ao Instituto no período inicial.

[EAC] Tinha a blindagem, mas ele não se metia. Nunca vi o Nelson se meter em assunto de política, eu não sei como ele vivia...

[LG] Mas fazia parte do governo, não é?

[EAC] Sim, ele não era queimado. E ele teve esse relacionamento – que eu nunca soube nem me preocupei em saber – diretamente com o [João Paulo dos] Reis Veloso. Como o sistema, na época, era pensado... ele tinha uns projetos, mas ele ascende mesmo pós [Humberto de Alencar] Castelo Branco. Da maneira que o Castelo Branco era entreguista, não tinha jeito para ninguém. Mas, quando chega 67, que assume o [Artur da] Costa e Silva, há uma desestruturada e começa o projeto que vai consolidar, até certo ponto e do ponto de vista econômico, um perfil mais nacionalizante, começa a se pensar na estrutura. Essa questão da tentativa militar de fazer um recuo, pois acho que houve um recuo pós Roberto Campos, pensando desenvolvimento em termos estatais, depois a inclusão da Amazônia no projeto, leva pessoas como o Nelson, que eram técnicos, a poder desenvolver seu trabalho. Essa é a história do Nelson, não é uma história de colaboração direta. Eu conhecia muitos que tinham colaboração indireta, o Ernani Braga, daqui. O irmão dele era militar e conseguia acesso a coronéis, generais, etc., de vez em quando, para aliviar uma pessoa ou outra que nós pedíamos. Uma delas foi a Lúcia [Souto]. Não queriam deixar ela ser estagiária, aqui... fui falar que era absurdo e consegui. Isso era diferente. O Nelson eu nunca soube que pudesse ter algum diálogo em instâncias militares superiores. Ele era de um grupo considerado técnico e competente.

[LG] Ele foi o primeiro diretor do Instituto, e o dirigiu por 8 anos...

[EAC] Ele dava cobertura para o pessoal de dentro. Ele tinha consciência disso, as pessoas ali dentro não davam bola para ele e ele não se importava. Ele queria dar as *aulinhas* dele lá, gostava de dar aula, fazer um teatro na aula para estudantes da graduação. O chefe geral dava aulas na graduação, na pós-graduação eram os aspirantes... ele era daquela geração que gostava de fazer uma exposição, não era um cientista ou um acadêmico, no nosso sentido.

[LG] Nas entrevistas com o Hesio, com o Reinaldo, a experiência do Sesp, na gênese do Instituto, não era referência, era ausente... você também parece partilhar dessa compreensão, apesar do Nelson Moraes, apesar do Mario Chaves, apesar de você... Gentile, que também esteve pelo Sesp...

[EAC] O Gentile esteve no Sesp, junto com o Nelson. Foi o Nelson quem o levou... ele e o Valejo...

[LG] Um grupo grande que estava em contato com essa geração passou pelo Sesp... me intriga não ter tido qualquer debate acerca do Sesp...

[EAC] Essas pessoas, elas são imagens, não são reais na prática cotidiana do Instituto. O maior admirador do Gentile que existia, no sentido mais concreto, era o Quadra, indubitavelmente. O Quadra fazia, agitava, escrevia coisas, mas era muito mais a crítica, não havia inovação. Era a crítica ao Sistema Nacional de Saúde [SNS]. O Sistema de Saúde daquela época, que se criticava, era o não-Sistema. Então, o Sistema de Saúde, quando o Gentile falava nisso, era “o que aí está”... e aí as pessoas quiseram academicizar isso, mas queria dizer: “o que aí está”. O Sistema de Saúde brasileiro era “o que aí está”. E pegavam as ideias dele e viam muito da questão da terceira Conferência, com o Mario Magalhães... o Mario Magalhães não gostava da mesma turma, não, por causa da perspectiva dele, que era desenvolvimentista na economia. Era meio mecanicista, pensava que se podia medir a Saúde sabendo dados de consumo energético. Isso era típico do Mario Magalhães: “me diga quanto se consome de energia *per capita* e eu te digo qual é o nível de Saúde da população”... não chegava a haver um campo de uso, por que? O Rio de Janeiro tinha sido...

[LG] Ele [Mario Magalhães] se posicionava contra o Sesp, certo?

[JFC] Ah, sim! A turma do Ministério! Não tinha horror, não, mas era o seguinte: isso é disputa dentro do Ministério. Acho que o André [Campos] até cita essa questão, mas cita só o [João de] Barros Barreto...

[LG] Barros Barreto que é pré-Sesp, não é?

[EAC] Sim, é do primeiro período do Getúlio. Ele construiu o que se tinha das Campanhas, das Normas Sanitárias...

[LG] Barros Barreto que foi deslocado pela criação do Sesp...

[EAC] Pois é, é essa a mudança que estou falando... o que aconteceu ali, naquela história, é o seguinte – e isso é pré-45: a questão é que aquele grupo do Ministério via uma perda de poder com o projeto do Sesp. Ele ficava a parte, com Serviço Especial – e também não era Ministério, era o Departamento Nacional de Saúde [DNS]. O DNS, que não dirigia. Eles tinham uma crítica, que eu achava boba e que era muito comum, na época, ao Sesp: eles diziam que a situação de saúde melhorava porque os salários do Sesp eram tão bons que criava mercados nas comunidades atendidas. Os níveis de saúde onde o Sesp trabalhava melhoravam rapidamente...

[LG] Eles enfatizavam a “determinação social da doença” antes da categoria existir...

[EAC] É, sim... mas eles queriam dizer o seguinte: que não iriam se render ao trabalho do Sesp. Chamo essa concepção de mecanicista porque eles imaginavam que bastava jogar dinheiro ali – e todo o governo Lula foi isso: aumenta a renda que resolve tudo, não precisa fazer nada... está aí o problema que deu -, bastava aumentar a renda - chamo isso de Nacional-Consumismo. Essa seria a solução para os problemas locais, pelo menos a maioria dos problemas de saúde. Tinha uma parte que não era nem isso e nem os Programas

de Saúde, que era a melhoria da produção de estatísticas, porque ali começava a ser colhida informação... e era uma informação ruim: mortalidade infantil elevadíssima, porque tínhamos mais registro de mortes que de nascimento... quase todas as melhoras de saúde no Brasil foram, na verdade, melhoras nos sistemas de registro. E isso continua a acontecer. O melhor impacto que podemos ter em saúde é melhorar a informação

Dessa maneira, eu não vejo isso como um conflito, exatamente. Tinham grupos, que eram grupos... ninguém está sempre certo em tudo.

[LG] À medida que eu fui escavando a história do Instituto, me surpreendeu a presença desses sujeitos tão importantes na fundação do Instituto e que eram ligados ao Sesp. E o Instituto tem uma pretensão de autonomia, em relação à UERJ e a tudo o mais, que pensei que isso pudesse ter a ver com esses sujeitos que vieram do Sesp, que tinham essa experiência de autonomia administrativa, de uma institucionalidade própria...

[EAC] Isso aí é daquele grupo de jovens, que quiseram aquilo para eles. Eles eram jovens e fizeram aquilo para eles. Naturalmente, tinham razões para isso. Eu gostava de brincar sobre um episódio: um cara, que eu acho que está vivo, era um bom sujeito e eu não sabia... bem, o [Antônio de Pádua] Chagas Freitas resolveu nomear alguém para o IMS, um rapaz que tinha feito um curso no exterior, algo de Saúde Pública ou Medicina Social...

[LG] O Chagas Freitas meteu o *dedão* lá dentro? [risos meus]

[EAC] Claro que sim!

[LG] O Instituto já tinha essa *bola toda*?

[EAC] Eles nunca tinham aberto concurso, tinham feito dali uma *cozinha* fechada... e daqui a pouco vem o rapaz, pelo reitor. O reitor chega e nomeia o rapaz, todos

imaginavam que era um sobrinho do Chagas Freitas... estou tentando me lembrar do nome dele... bom sujeito... conheci depois, melhor. Foi um rebuliço lá dentro! [risos meus] Eu era o diferente: “gente, o Brasil vai ter que conviver com todos os brasileiros” [risos nossos]... e sempre tinha um que sabia a ficha. O cara, para entrar, tinha que se saber a ficha. A ficha ninguém sabe exatamente o que era, mas tinha que ter uma ficha pela esquerda...

[LG] Quem levantava essa ficha? A Nina tinha a ver com isso?

[EAC] Não, eram todos. A Nina era a agitação, a que falava...

[LG] E ela fazia as sínteses, pelo que me dizem...

[EAC] É... ela era mais exuberante... eu dizia para eles: “Nina, eu não quero trabalhar em um lugar que eu possa pensar que é um “INS””, “E o que é o “INS”?”, “O SNI ao contrário!” [risos meus]. Note a brincadeira com o som de INS e IMS... Havia um serviço de informação e não se podia entrar lá se não se partilhasse da mesma ideia. Esse foi o fechamento normal, que teria... aquilo ali parecia uma conspiração. A maioria das reuniões – eu vou dizer, eles vão ficar *putos* comigo – eram bem conspiratórias. Mas com grandes adesões, afinal tinha gente da Fundação Kellog, que financiava, tinha gente da OPAS, o García – aliás, descobriram agora que aquilo era uma descoberta fantástica: “agora o dinheiro é uma *mercancia*” [risos meus]... “*la plata is la mercancia*”... citando Vicente Navarro, fazendo a crítica do não-sistema de Saúde americano.

É isso, Leandro... eu falo brincando sobre as coisas, mas aquilo se formou numa ditadura, onde os instrumentos de proteção do grupo, que não podia estar muito exposto, existiram. Outros *caras* também ajudaram: eu gostava muito do Jayme Landman. O Landman era outro que dava proteção a eles, dentro da UERJ...

[LG] Outro dia eu comentei em um encontro que o Landman e o Piquet Carneiro eram inimigos, quase me mataram: “que inimigos? Eles eram adversários!” [risos meus]...

[EAC] Eles não eram a mesma coisa... o Piquet eu conheci pouquíssimo, o Landman eu conheci melhor...

[LG] O Landman tinha uma interface maior com a Saúde Pública?

[EAC] Tinha... e também por motivos familiares, as duas filhas vieram... por isso, ele também se aproxima e ajuda...

[LG] A Célia Landman foi do Instituto e depois veio para cá, não é?

[EAC] Não, ao contrário: primeiro foi daqui. A irmã dela é que esteve primeiro lá e fez concurso para cá... sempre teve essa troca entre as duas instituições...

[LG] Vamos então para o ponto de encontro entre as duas instituições: em uma entrevista, um sujeito me disse que o PESES foi pensado no Instituto. Isso procede?

[EAC] Não, não que eu saiba...

[LG] Que o PESES teria sido pensado como um projeto para cá, para renovar a ENSP e para criar espaços para que sujeitos que estavam expatriados politicamente, como o Arouca, pudessem trabalhar...

[EAC] Não, não foi isso. Uma coisa é “O que é o projeto”, e outra é “o que pode ter virado”. Essa história eu já contei, tenho sobre isso algo escrito. A Escola era muito influenciada por professores do Sesp. A área de Ciências Sociais era boa, mas não havia engajamento. Era muito boa a área de Ciências Sociais, trazida

pelas ideias do [Marcolino] Candau, que tinha muita relação com o pessoal daqui. O Sesp, na área de prática ou aplicação, era mais de Educação Sanitária, que era pensada de uma maneira que posso chamar de moderna. Mas era educação para a saúde, tinha toda uma discussão sobre isso e as ações que o Sesp fazia, diretamente... isso era limitado, portanto. A área de Ciências Sociais se permeava em quase tudo... o pessoal do Sesp, muitos *caras* eram do Partido Comunista. Conheci muitos que foram da estrutura antiga do Sesp e que eram do Partido Comunista... eram coisas de grupo, grupos que circulavam em diferentes espaços. Essas coisas são assim: o *cara* veste a camisa e fica brigando o resto da vida, como o Internacional e o Grêmio [risos meus]. São os mesmos *caras*, dormem na mesma cama, mas, no dia do jogo, batem um no outro.

O que eu quero te falar sobre essa questão, é que nós precisávamos, queríamos dar uma abertura para a Escola porque aqui tinham sido todos demitidos, em 70... foi um massacre, aqui... na Escola foi mais que no IOC [Instituto Oswaldo Cruz], mas não teve divulgação. Por quê? Porque aqui éramos em regime CLT [Consolidação das Leis do Trabalho]. A Escola era uma Fundação, também, pagava pela CLT e começou a demitir. Os outros eram por processo, não podiam ser demitidos, foram cassados. Com isso, foi esvaziado, aqui. Ficamos muito poucos. Em 74, eu volto para cá e veio me visitar o Sérgio Góes, que tinha me dado aulas, antes. Tem algo que é bem pessoal: ele era um jovem, recém-formado e que estava naqueles cursos do tempo bom da Escola, em que havia uma equipe grande aqui, em 68. O Sérgio, em 74, veio falar comigo o seguinte: ele tinha sido contratado pela Finep [Financiadora de Estudos e Projetos] – em 74 estava assumindo o [Ernesto] Geisel...

[LG] Era o Reis Veloso no Planejamento...

[EAC] Era... e o Sérgio estava assumindo a parte de Saúde da Finep, porque ele era o único economista que tinha alguma passagem pela Saúde. Ele me convidou para ajudá-lo na construção de um Programa para o segundo PBDCT [Plano Básico de Desenvolvimento Científico e Tecnológico], que seria lançado. Ele me

contratou, nós dois fomos juntos para lá. Viajamos pelo país, coletando projetos. Uma coisa era óbvia: “o que é que nós vamos fazer para a Escola?”. Para mim, era fácil elencar logo um monte de projetos de pesquisas epidemiológicas e fazer um projeto. Teríamos que fazer outro projeto para botarmos junto, pois o Sérgio queria retomar a parte das Ciências Sociais. Eu disse: “não sei bem o que vocês querem, você tem que ajudar a fazer”. Ele se comprometeu em fazer, mas ele não ficava aqui, ficava na Finep. Juntamos um grupo e criamos o que podíamos montar com alguma precisão, que era o PEPPE [Programa de Estudos Populacionais e Epidemiológicos]... também propusemos o PESES [Programa de Estudos Socioeconômicos em Saúde] junto. Mas como o PESES não tinha projeto, nem o Sérgio teve muito tempo, ficou assim, mais ou menos isso: não me lembro exatamente as quantias em dinheiro, eram mais ou menos oito milhões para o PEPPE e, para completar dez milhões, dois milhões para estruturar o PESES... é assim que começa, por isso tem vários donos. O Sérgio conseguiu isso e jogou para cá, o dinheiro para montar o PESES/PEPPE, do qual eu era o coordenador. O Sérgio não podia ser porque estava empregado lá. Ele era o coordenador sem ser... e nós começamos a reunir gente. O Sérgio veio um dia e disse: “Eduardo, tem um cara aí que eu ouvi dizer que é muito legal e que está muito mal lá em São Paulo. Dá uma conversada com ele, veja o que você acha”, “pode mandar ele vir para conversar”, eu estava trabalhando na sala do lado do Diretor... marcamos um dia. Neste dia, veio o Arouca, que eu não sabia quem era, com aquele *jeitão* dele e gostei dele, bom sujeito demais... e ele também não sabia para o que é que era a conversa, ele estava em um contrato com a OPAS, em Brasília. Ele gostou da ideia e disse: “o problema é o seguinte: o meu grupo, de Campinas, vai ficar mal”, respondi “não tem problema! Nós vamos contratar gente para *caramba!* Trazemos para cá”. Ele topou e assim nós resolvemos. Eu não sabia quem era o Arouca... aliás, ele não era, ainda, o Arouca...

[LG] Acho que a Tese dele ainda não tinha sido defendida...

[EAC] Não sei... é? E a Anamaria [Tambellini] também estava em apuros... os dois já estavam separados, meio brigados. Então, a Anamaria resolveu que ia para o IMS e ele ficaria aqui. Sei que eles pensaram em levar o Arouca... tem essas conversas, que passavam pelos escaninhos do Partido Comunista...

[LG] Neste período você não circulou nada pelo PCB?

[EAC] Passei só em Porto Alegre, antes. O PCB aqui do Rio, não. Eu sei que havia uma dúvida para onde o Arouca iria, tinha muita conversa... e eu participava, porque era um amigo.

Foi feito, então, o PESES e contratamos o Arouca. O Arouca trouxe algumas pessoas, o Sérgio Góes trouxe outras, para definirem o que seria. Veio para cá a Tatiana [Lins e Silva], a Isabel [Picaluga] – que faleceu -, a Ana – que também faleceu -, o Nilson [do Rosário Costa], uns garotos que estavam por aí... sempre tinha um da Presidência, que indicava... o Programa se desenvolveu assim. Só que, quando isso já estava pronto para sair – em 76, acho... em 77, estávamos com o dinheiro -, houve uma mudança na presidência da Fiocruz, o Vinícius [da Fonseca] botou o olho no dinheiro, que era uma *dinheirama*, para a época, e quis me levar, queria me nomear como Assessor direto, queria que eu levasse o Programa para o gabinete dele... eu não topei. Quis ficar na Escola, coordenar daqui... e eles montaram o PESES. Na verdade, do PESES em si, que ficou mais famoso, eu fui tirado... por questão política, claro. Fui tirado da coordenação do PESES de 77 para 78... o ministro da Saúde, à época, determinou à direção da Fiocruz/ENSP que me exonerassem dos cargos técnicos por um posicionamento meu na epidemia de meningite. Então, participei no apoio aos nomes do Sérgio Arouca e do Euclides Castilhos para me substituírem nas minhas funções. Portanto, eu não poderia ser coordenador nem do Mestrado, que eu era, nem do PESES/PEPPE. No PESES, quem assumiu o meu lugar foi o Arouca. A gente achou importante ser o Arouca, que, surpreendentemente, não tinha ficha suja. Parecia que era o demônio [risos meus]...

[LG] Nicarágua...

[EAC] Isso foi depois... ele foi lá curtir a paixão... isso aí eu acompanhei [risos dele]. Nicarágua foi um aparte para ele poder curtir a paixão... vamos comer alguma coisa? Poderíamos até retomar essa conversa... se você quiser mais alguma coisa...

[LG] Você está cansado?

[EAC] Não, estou com um pouco de fome.

[LG] Prefere parar, então?

[EAC] Você está querendo ir além?

[LG] Sim... bastante...

[EAC] *Tá bom...* eu estou numa fase meio maníaca pois estou escrevendo um livro...

[LG] Eu estou adorando esse *panoramão*, você tocou em vários pontos que eu não esperava encontrar aqui hoje e que são fundamentais... essa história do PESES/PEPPE é bem importante. O IMS tinha relações com a Finep, já tinha projetos, nesse período...

[EAC] O Sérgio é que sabe mais... isso tudo foi quando teve o segundo PBDCT...

[LG] O Sérgio foi um mediador importante aqui e lá no IMS? Lá, os produtos das pesquisas saíram antes...

[EAC] Ah, porque aqui era uma baderna! Tu não imagina o que aquela turma de Campinas fez aqui... chegaram aqui, todos alegres, ninguém sabia o que fazer. Levou muito tempo... brigas... como brigavam o Sérgio Góes e o Sérgio Arouca... era impossível! Era uma direção a quatro mãos, o PESES/PEPPE. Eu não aguentava mais: “gente!”, e ia-me embora. Aquilo demorou a acontecer...

[LG] E o IMS aconteceu de cara, não é?

[EAC] Quando eu saí, era *estruturadinho*. Era pequeno.

Quando eu saí da direção do Programa, aproveitei aquele momento político para sair do Brasil por um tempo. Saí do Brasil em 79 e eles transformaram todo o dinheiro do PEPPE, que tínhamos e que não tinha sido gasto, em PESES. Aí houve uma fatura ali [risos meus]. Com a fatura, contrataram muita gente das Ciências Sociais...

Mas houve projetos pelo PEPPE sim, inclusive o que fiz sobre Hipertensão Arterial.

[LG] Para arrematar algo que ficou em aberto, de outras entrevistas: sobre o Arlindo Fábio, ele esteve na ENSP esse tempo todo. Ele não foi ativo nessa construção?

[EAC] Sim, de uma maneira peculiar... o Arlindo também é do meu time, não é um intelectual. Nós gostamos de não ser intelectuais, gostamos de ser trabalhadores. Ele dava aulas de Ciências Sociais e foi meu professor. Lembro especialmente de uma aula, que era de “sociologia da água” [risos dele]... tínhamos que inventar umas coisas assim [risos dele]... a aula passava pela importância da água na vida das pessoas, coisas assim... ele introduziu, claro, o Max Weber e sua “sociologia da burocracia”. Era este o conteúdo que ele gostava mais de trabalhar. Ele era muito jovem, eu também, tínhamos uma origem gaúcha, logo ficamos muito próximos, ainda quando eu era aluno. Os projetos da Escola, especialmente, foram feitos pelo Arlindo e eu. Digo os novos projetos da Escola: os cursos

descentralizados, etc., em especial o que era relacionado ao ensino. O Arlindo também não entrou, nunca, no campo da pesquisa. Ele estava no ensino, gostava do ensino. Nós fazíamos os estatutos para pressionar a instituição, para conseguir fazer coisas, para contratar gente... uma *lutinha* interna, naquele período pós-74. Foi quando eu decidi que ia ficar aqui. A turma daqui tinha se *esborrachado*, mas era outro momento... isso coincide com todo o processo de reconstrução, que acontece a partir de 74, com esses projetos, e nós éramos muito poucos na Escola. Tudo éramos nós. Claro, os outros mais velhos do que nós nos apoiavam: o Oswaldo Costa, a Elsa Paim, o pessoal do Ministério e da OPAS - Elsa Paim que era do Sesp -, o [Szachna] Cynamon, do Saneamento e do Sesp, também... eram todos mais velhos, mas que gostavam de ver a maneira como tocávamos as coisas e nos apoiaram.

O Arlindo não entrou no PESES/PEPPE. Ele se envolveu mais com algo que tínhamos começado juntos, que era a implantação dos cursos descentralizados. Mas, indiretamente, o Arlindo foi importante na absorção de todo o pessoal do PESES/PEPPE na Fiocruz, através de concursos que organizamos para a carreira de pesquisador de saúde pública, que criamos.

[LG] Projetos que acabarão se articulando, não é?

[EAC] Sim, porque montou uma rede de formação de pessoal que não existia, na época. Só havia pessoas formadas em Saúde Pública no Rio e em São Paulo. Os dois primeiros cursos que implantamos foram no Rio Grande do Sul, em Porto Alegre, e em Belém.

[LG] Nas *pontas* do país...

[EAC] Por circunstâncias, também [risos meus]... era preciso muita articulação da nossa parte. E o fato é que os projetos, a partir de 74, pós início de Transamazônica - e o próprio projeto induzido pelo do Sérgio Góes (IIPBDCT), que botou bastante dinheiro lá: Instituto Evandro Chagas, INPA, etc., núcleos de

pesquisa pela região amazônica -, foi natural que o curso acontecesse lá. Aliás, uma pessoa que desapareceu, que talvez tenha falecido, a Eliza, que coordenava pela Secretaria de Saúde, à época, coordenou o primeiro curso que foi feito lá, o curso descentralizado do Pará. Ela veio a ser, na redemocratização, presidente do Sesp. Ela deixou morrer o Sesp... eu imagino que não era a intenção, pela alegria que ela entrou nisso, mas ela deixou... essa é uma pessoa que desapareceu e, eu diria, tenho certeza que é uma pessoa que se arrependeu do que deixou acontecer... mas pode ser que eu esteja enganado... era uma pessoa muito legal, com certeza foi envolvida naquele *oba-oba*... porque o Sesp poderia ter tido um papel, mesmo com as ofensivas que sofreu, fundamental, que nunca quiseram lhe dar: o órgão assessor direto do Ministério para implantar o SUS em cada Estado, para estruturar o SUS em cada Estado... ele tinha tudo para fazer isso. Quando eu digo que a experiência do Sesp era inovadora, é que fazia acontecer coisas novas, estruturar...

[LG] E virou um cemitério, dentro do Ministério...

[EAC] Juntaram tudo em uma coisa só, misturaram com a Sucam [Superintendência de Campanhas de Saúde Pública], que tinha uma outra lógica de trabalho, uma lógica complementar, uma coisa concorrente... uma coisa é algo complementar, que agia de maneira aguda, doença por doença. Não dava para ser uma coisa única, virou um comprador de inseticida... a FUNASA [Fundação Nacional de Saúde] virou um comprador de inseticida... acabaram com duas instituições importantes. A Sucam era importante no que fazia... tinha *guardinha* sanitário em todo o interior do Brasil...

[LG] Para encerrarmos essa primeira parte da entrevista, depois entraremos pelo momento da redemocratização que, desconfio, renderá outra entrevista tão longa quanto essa [risos meus]: a sua gestão na Secretaria Estadual de Saúde...

[EAC] Mas tu queres muita coisa, *cara*...

[LG] É que essa relação sua com o IMS não acaba lá atrás...

[EAC] Eu sei

[LG] Depois a Nina vai contigo para a Secretaria...

[EAC] A Nina querida!

[LG] Queria ouvi-lo falar sobre essa experiência com ela... mas podemos deixar para outra ocasião...

[EAC] Só para não esquecer: na minha equipe da Secretaria, a primeira equipe montada, duas pessoas do IMS foram trabalhar comigo: uma mergulhada, que era a Nina...

[LG] Mergulhada?

[EAC] Mergulhada no IMS. O outro era o Quadra. O Quadra tinha o campo um pouco diferenciado, como o [João] Regazzi, que não ficava totalmente lá. O Regazzi ainda é médico. Os *caras* que ainda permaneciam médicos, não ficavam assim tão dentro... os *caras* que abandonavam a prática médica, ficavam mais IMS mesmo... o Regazzi tocava a Residência e o Quadra também continuava nesse perfil médico. Dos quatro cargos mais importantes da Secretaria, dois eram do IMS. Daqui, da Escola, além do primeiro Conselho Estadual de Saúde, que tinha vários membros daqui e de lá – tinha Hesio, Arouca... o Arouca era o meu assessor direto e o Hélio Uchoa foi para implantar um Programa de Odontologia Sanitária, que extravasou para todo o CIEP [Centros Integrados de Educação Pública] a mesma estrutura do Sesp. Toda a rede do Rio de Janeiro foi integrada dentro do Programa [risos meus]...

[LG] Deve ser uma frustração para você, olhar para trás e ver só destruição...

[EAC] [risos dele] Não, tudo bem... Ficamos tristes, mas...

Só para dizer que, tanto daqui quanto de lá, era um pessoal que reunimos na Secretaria, era um pessoal meu... um pessoal que eu conhecia, porque eu tive muita liberdade para montar a Secretaria... o Brizola, do ponto de vista de nomeação, não me fez qualquer imposição. Uma vez, eu tive que incorporar um nome imposto. O Brizola disse: “Eduardo, você tem que botar... por favor, tu **tens** que me livrar desse compromisso... tu nunca me ajudas”, “Tá... olha, estou avisando, governador, vou botar e vai ter problema”. Botei o cara, deu greve no Hospital. Eu não ajudei a incitar a greve, não. Mas eu disse para o diretor do Hospital: “vamos colocar um novo chefe de serviços médicos do Hospital, se der problema me avisa”. E os médicos reagiram, o diretor também não gostou e eles fizeram uma greve. Eu disse: “governador, eu lhe disse”, “bom, então demite, Eduardo. Seguinte: a gente tentou, não foi? Já fiz o que eu tinha que fazer”, ou seja, ele queria se livrar do chato que andava perto dele. Então, eu tive liberdade. Tanto é que o meu primeiro diretor de administração, eu trouxe do Sesp. Um cara que eu nem conhecia, que diziam ser um excelente administrador, do Paraná, o Orlando. Ele ficou um ano e pouco e se foi por causa de família, quis voltar para o Paraná, estava difícil para ele. Ainda tem isso... o Sesp me ajudou a fazer – eu tenho certeza, não estou falando isso como um *bobalhão* metido a *gostoso* – uma gestão inovadora aqui, que mudou coisa para *caramba* no Estado do Rio de Janeiro, em Saúde. Foram cerca de quatro anos de coisas novas e importantes que se implantaram no Brasil a partir daqui, da repercussão que as coisas tiveram. Grande parte, graças ao Sesp e a minha experiência com o Sesp. Como experiência administrativa, nós fazíamos acontecer. Não fazíamos só reunião, como é a experiência daqui, dessa academia: só reunião, reunião, reunião... eu tinha a experiência do Sesp de fazer acontecer: linha de comando... era essa a chave de poder em pouco tempo termos resultados, e resultados importantes.

[LG] Depois da sua gestão, o Noronha foi para a Secretaria, não é?

[EAC] Foi. Foi o seguinte: Nova República, Moreira Franco, [José] Sarney, aquela história toda... o Arouca recém prestigiado pela oitava Conferência, virou, naquele momento, um nome nacional. Nomeou o Arouca como Secretário de Saúde, ao mesmo tempo em que era Presidente daqui da Fiocruz. Aquilo era completamente inconstitucional. Mas, até que ele foi tocando... foi ali que nós rompemos, porque ele causou um prejuízo muito grande para o [Instituto] Vital Brazil, transferiu tudo do Vital Brazil para cá - inclusive o projeto de vacinas que eu tinha costurado com o Mérieux). Era ilegal aquilo, eu achava ilegal... veio tudo para cá. Ele e o [Jorge] Bermudez. Queriam concentrar vacinas na Fiocruz e deixar o IVB embalando medicamentos para a CEME. O Bermudez era o braço para fazer essas coisas ruins, do meu ponto de vista... depois de um ano, o Arouca viu que não dava para continuar nos dois cargos. Pediu demissão da Secretaria e continuou só na Fiocruz. A coisa estava complicando, tinha greve dos médicos na Secretaria. Eu disse a ele: “sentiu o que é uma vaia?”, “tomei duas vaias que me deixaram chateado demais. A classe médica é *foda!*”. Ele foi para uma Assembleia achando que ia dominar e foi atropelado... então, ele caiu fora. E aí, veio o Noronha. Eles desmantelaram algumas coisas, com essa visão muito política. A regionalização no Rio, eu tinha estimulado e era importante. Eles acabaram com as regionais, desarticularam com a Educação e tudo o mais... tem um problema sério: eles queriam a relação direta do secretário com os prefeitos. Não queriam intermediários, secretários de saúde, o negócio deles era político... a gestão do Noronha foi nessa linha...

[LG] Seria o braço pesado do INAMPS na rede estadual?

[EAC] É... eles logo se mudaram... logo que teve, entre aspas, o início da Reforma Sanitária... tem umas coisas de *sacanagem*: tinha um *jornalzinho* que editávamos no movimento socialista de Saúde do PDT, nele eu publiquei um artigo “começou a Reforma Sanitária”. Para simbolizar a fusão do INAMPS com a Secretaria de

Saúde, o Arouca estava de um lado e, acho, que o Hesio do outro – os prédios das duas instituições eram colados, na Rua General Câmara, e eles resolveram, com as plantas dos prédios, que se quebrassem a parede de um prédio no oitavo andar sairia no corredor do outro - ligariam os dois prédios. Chamaram até a imprensa... quando derrubaram a parede, havia uma privada do outro lado [risos nossos]... eu aproveitei a foto da privada e lancei: “começou a Reforma Sanitária!” [risos nossos]...

[LG] Sensacional! E simbólico, pelos dois sujeitos e instituições envolvidas. Tem registro disso?

[EAC] Tem, tem... o *jornalzinho* eu tenho... deve ter saído na imprensa. Vai ser difícil você encontrar hoje na internet, mas eu tenho o jornal.

[LG] Você tem bastante experiência institucional, acha que eu conseguiria o acesso aos projetos da Finep do período da década de 70?

[EAC] Nós fizemos o seguinte, eu e o Sérgio Góes, recentemente: pegamos tudo isso e estamos passando para a Casa de Oswaldo Cruz [COC]. E tem muito já na Casa de Oswaldo Cruz.

[LG] As produções do período, os relatórios, estão todos com vocês?

[EAC] Nós conseguimos, lá na Finep, várias coisas. O Sérgio sabe mais, essa parte da Finep foi ele que fez. Nós dois trabalhamos em um projeto de memória daqui, que agora está parado, não tem dinheiro para nos pagarem, porque não estão precisando mais disso... estão querendo apagar a memória... quando eu estava no Ministério, eu passei dinheiro para esse projeto. Claro, pelo menos alguma coisa nós fazemos na direção do que nós trabalhamos: forcei um pouco a barra, saiu tudo. Quando chegou a nova gestão, recolheu tudo...

[LG] Eu poderia ter acesso a esses documentos?

[EAC] Claro, qualquer um pode. Para eu te dizer melhor, o que temos e não temos – qualquer um pode, é a lei da informação -, é melhor eu ver. Tem coisa aqui e coisa na Finep. Mas quem tem acesso e sabe tudo direitinho é o Sérgio. Ele está viajando, no exterior. Está chegando na semana que vem. A Finep é aqui no Rio, tem um centro de arquivos...

[LG] Então eu conseguiria acessar esses documentos todos, inclusive os relatórios de pesquisa produzidos no Instituto?

[EAC] Certamente. Certamente, sim...

[LG] Isso seria fundamental... no Instituto são dois momentos importantes: o primeiro *finepão* – o Reinaldo Guimarães falou em *finepão* – e, depois, a reforma acadêmica do Instituto, em meados da década de 80...

[EAC] O Reinaldo foi para lá e, depois, fez o caminho dele dentro da UERJ...

[LG] Tem muita coisa relacionada a Finep que precisa ser resgatada. O Instituto não tem nada, memória nenhuma, documento nenhum... o que tem de documento, por falta de espaço, foi sendo jogado em alguma sala que, em algum momento, assumiu alguma outra função, então essa sala teve que ser desocupada. Quando desocupam a sala, os documentos são removidos e assim se perderam muitos documentos do Instituto... não há documentos do Instituto, nem da fundação, nem de outros momentos...

[EAC] Aqui muita coisa é destruída. Mas, algo muito legal, que o Arouca fez, foi acomodar uma área para Museu, para montar as coleções. A Casa de Oswaldo Cruz está com todos os acervos do Sesp. É algo legal, o único, eu acho, parecido com a Fundação Getúlio Vargas, que tem espaço próprio...

[LG] A Casa de Oswaldo Cruz vai acabar se tornando um espaço de congregação de todas essas memórias...

[EAC] Sim, de Saúde... vai estar lá tudo de Saúde. Já pegou todo o acervo do Sesp...

[LG] Vou encerrar aqui, senão teremos hipoglicemia...

[EAC] Vamos comer alguma coisa, rapaz!

[desliguei o gravador, mas a conversa continuou. Mais a frente, religuei o gravador. Eduardo estava fazendo reflexões sobre a história da Reforma Sanitária]

[EAC] Eu cheguei numa fase da vida que eu parei de louvar aquilo que se construiu, naquele tempo... a distância, no tempo, me deu mais visão crítica que laudatória. A maioria das pessoas envolvidas querem ser laudatórias...

[LG] Na academia, o discurso é laudatório. Muito. Tanto que eu fiquei chocado no evento dos 30 anos da oitava Conferência, que você estava com o Eduardo Stotz... o Stotz eu já sabia que não era laudatório, mas ele é um acadêmico...

[EAC] Naquele evento, não fizemos algo agressivo. Você achou?

[LG] Não foi agressivo, mas é incomum ouvir, principalmente na academia, ambiente que faço parte...

[EAC] Imagina o cara viver a vida inteira neste mundo que você sabe qual é? Esse mundo não existe...

[LG] Você apresenta questões que a academia não está a fim de enfrentar: expõe feridas, contradições, tira o chão que está colocado. A Saúde Coletiva e o SUS, até outro dia, estavam consolidados...

[EAC] É o maior Sistema do mundo! A Dilma adorava falar: “É o único Sistema Universal para mais de cem milhões de pessoas”... é só dividir em quatro: dá cinquenta para cada um... o que significa ser o maior, entre aspas, do mundo? Nada! Se fosse o melhor do mundo...

[fim]